



LIVROS

Animais inferiores

Livro mostra como intelectuais do século passado depreciavam a fauna e o homem das Américas

DIOGO MAINARDI

“Por que o Brasil ficou tão atrás dos Estados Unidos tendo quase o mesmo tempo de colonização?” Recentemente, VEJA publicou uma pesquisa que continha a pergunta acima. Apenas 1% dos entrevistados atribuiu nosso atraso ao clima. Como se pode perceber, as teorias climáticas já não encontram tantos adeptos, mas nem sempre foi assim. Para Buffon, o grande naturalista francês do século XVIII, a inferioridade do continente americano em relação ao Velho Mundo era provocada pela umidade do ambiente. “O ar e a terra, sobrecarregados de vapores úmidos e nocivos, não conseguem depurar-se, (produzindo) apenas seres úmidos, plantas, répteis, insetos, e somente poderão nutrir homens frios e animais débeis.” De fato, “o puma é muito menor, mais fraco e mais covarde que o verdadeiro leão”, enquanto a anta brasileira, nosso maior mamífero, o correspondente aos elefantes do Velho Mundo, “tem a dimensão de um novilho de 6 meses ou de uma pequeníssima mula”. No que se refere aos nossos pobres indígenas, a opinião de Buffon é igualmente depreciativa: “O selvagem é débil e



pequeno nos órgãos de reprodução; não tem pêlos nem barba, nem qualquer ardor por sua fêmea”.

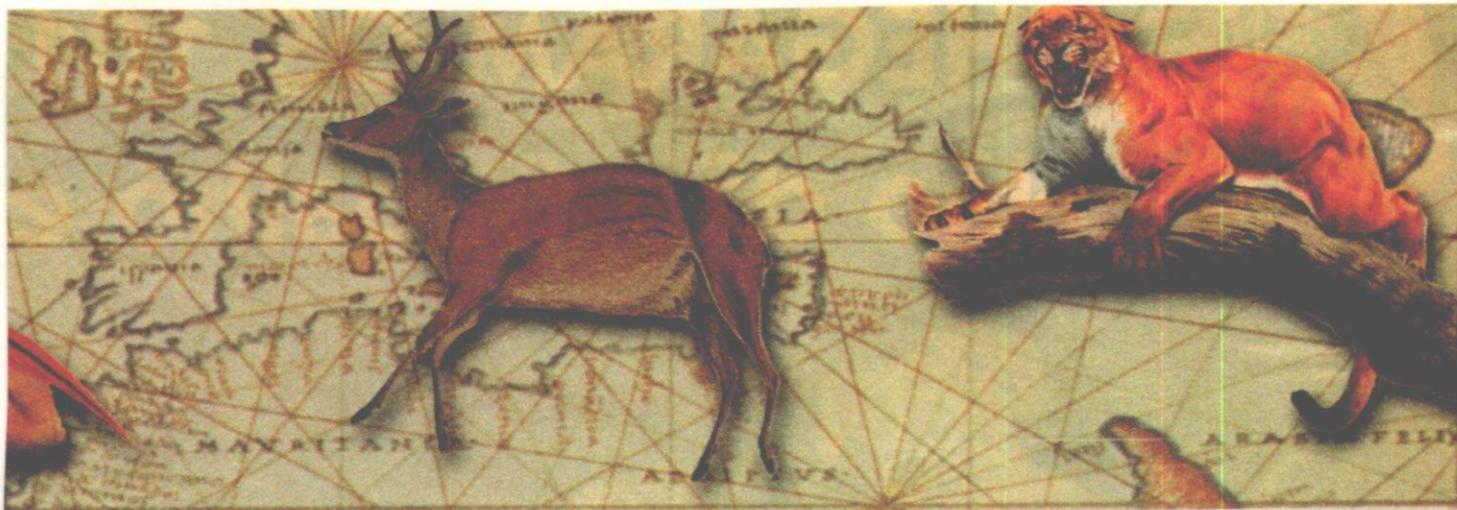
As teorias de Buffon sobre a degenerescência da América podem parecer um tanto antiquadas, mas criaram uma agitada polêmica que se estendeu por um século e meio, de 1750 a 1900. O ensaio do italiano Antonello Gerbi, *O Novo*

Mundo (Companhia das Letras, tradução de Bernardo Joffily, 808 páginas, 49 reais), traça a história dessa polêmica. Publicado originalmente em 1955 e reeditado com adendos em 1983, o livro acompanha todos os passos de uma disputa que envolveu gente como Hume, Voltaire, Bacon, Kant, Keats, Byron, Goethe, Leopardi, Hegel. Na História da humanidade, nenhum evento suscitou tantas questões quanto o descobrimento da América, e Buffon é uma espécie de catalisador dessas questões. Como a natureza pôde gerar um lugar tão imperfeito? Isso não implicaria “uma ampla liberdade de crítica ao Senhor”? O indígena seria o “bom selvagem” de Rousseau ou simplesmente uma besta primitiva incapaz de aprender? Pode-se manter a fé no progresso humano

depois de conhecer um caraíba? O Novo Mundo é realmente novo ou representa o estágio final da nossa decadência?

IGNORANTES — Um dos principais seguidores de Buffon, hoje praticamente esquecido, é o abade prussiano De Pauw. Em 1768, publicou a obra *Recherches Philosophiques*, uma violenta invectiva pseudocientífica contra as Américas. Ao contrário de Buffon, De Pauw não concentrou suas críticas sobre a flora ou a fauna americana, mas diretamente sobre seus habitantes. Os peruanos são considerados impúberes: “É o caráter de sua degeneração, como os eunucos”. Retrata selvagens com crânio piramidal ou cônico, com a testa cúbica ou quadrada. Descreve a cidade inca de Cuzco como “um amontoado de pequenas cabanas” onde há uma espécie de universidade em que “ignorantes que não sabem ler nem escrever ensinam filosofia a outros ignorantes que não sabem falar”. Mas a degeneração não se limita aos indígenas. No clima americano, brancos e mestiços também degeneram. Os animais perdem a cauda e os genitais do camelo deixam de funcionar. Até o ferro amolece, não servindo nem mesmo “para fabricar pregos”. A origem de tudo, dilúvios, inundações e medonhos tremores de terra que viciaram e depravaram o temperamento da população. “É um terrível espetáculo ver a metade deste globo a tal ponto desgraçada pela natureza que tudo é degenerado ou monstruoso.”

A tese da inferioridade do americano não reflete apenas um tosco preconceito racial. Como demonstra Antonello Gerbi, De Pauw é um enciclopedista típico, “porque reúne de forma exemplar a mais firme e cândida crença no progresso e uma ausência completa de fé na bondade natural do homem”. Ou seja, ao atacar nossos



FOTOMONTAGEM PEPE

selvagens, ele pretende demonstrar que “o homem se aperfeiçoa somente na sociedade, que o homem só, em estado natural, é um bruto”. Na realidade, o alvo de De Pauw não é o indígena, mas a sua imagem mitificada por missionários como o grande Apóstolo das Índias, Bartolomeu de Las Casas. Um dos que mais se indignaram com as difamações de De Pauw foi o padre jesuíta Clavigero, que tentou refutar cada uma de suas idéias. “Se a América não possuía trigo, a Europa não tinha milho...; se a América não contava com romãs, limões etc., a Europa não possuía sapotis, abacates, bananas, sapotas-do-peru.” Claro, Clavigero cai no mesmo erro do adversário, exaltando pateticamente as qualidades do Novo Mundo. “Os avestruzes americanos possuem dois dedos a mais... O bicho-preguiça tem a suprema beleza de 46 costelas.”

PEDERASTIA — A defesa que o padre Clavigero faz dos selvagens é ainda mais veemente. “Os mexicanos são belos, sadios, robustos e jamais têm mau hálito.” Caso os americanos fossem bem instruídos, haveria entre eles “filósofos, matemáticos e teólogos que poderiam equiparar-se com os mais famosos da Europa”. De Pauw imputa quatro vícios aos indígenas: gula, embriaguez, ingratidão e pederastia. Clavigero só admite o segundo, mesmo assim jogando a culpa sobre os colonizadores espanhóis. Apesar de pensarem de modo aparentemente oposto, há um ponto que une os dois extremos. Tanto De Pauw quanto Clavigero acreditam em alguma forma de progresso, social ou espiritual. De Pauw difama os índios para melhor defender o Estado moderno, secular, ao passo que o jesuíta Clavigero os idolatra para justificar sua obra de catequese. No final das contas, a crença no progresso é sempre perigosa, pois requer um certo

grau de cerceamento. Para o iluminista De Pauw, o selvagem não evolui porque “não sabe que é preciso sacrificar uma parte de sua liberdade para cultivar seu gênio”. Para o jesuíta Clavigero, o selvagem só pode conquistar a salvação submetendo-se aos ditames da Igreja. Como conciliar progresso e liberdade? Eis, em poucas linhas, um dos mais complicados paradoxos da História.

A polêmica antiamericana de Buffon e De Pauw não poupou os Estados Unidos, embora no final do século XVIII o país já estivesse em plena fase de desenvolvimento. O futuro presidente Thomas Jefferson foi um dos mais intransigentes contestadores das teorias buffonianas. Em seu *Notes on Virginia*, falsificou tábuas estatísticas para testar que os quadrúpedes americanos eram superiores em volume aos europeus. Mais tarde, enquanto servia em Paris, teve um encontro com o próprio Buffon. Nessa oportunidade, apostou que o chifre do alce americano era maior que o europeu. Para comprová-lo, pediu para que seus conhecidos lhe enviassem dos Estados Unidos os maiores chifres que conseguissem encontrar, mas o resultado ficou aquém de suas expectativas. Jefferson mandou-os para o naturalista com um pedido de desculpas: “Os galhos do alce são notavelmente pequenos. Vi alguns que pesariam cinco ou seis vezes mais”.

SUBMISSÃO RASTEIRA — À medida que os Estados Unidos foram enriquecendo, porém, a tradicional dicotomia Velho Mundo-Novo Mundo transferiu-se para o eixo

A anta, o alce, o puma e os índios: bichos estariam abaixo do padrão africano; homem teria pouco ardor pela fêmea

Norte—Sul. O filósofo alemão Hegel percebeu essa mudança, e logo tratou de estabelecer a diferença entre a América do Norte, protestante, industrial, liberal, e a América do Sul: “Brandura e inércia, humildade e rasteira submissão diante do crioulo, e mais ainda diante do europeu, são as características essenciais dos americanos”. Não que Hegel tenha uma opinião muito mais favorável a respeito dos povos da Europa meridional, de países quentes, que vivem próximos à natureza. Para se aperfeiçoar, o homem deve afastar-se de sua condição natural, caso contrário “não se distingue mais da besta”. Antonello Gerbi dá bons exemplos de quão mutáveis são esses parâmetros geográficos. Aristóteles, de um país quente, dois milênios antes de Hegel, julgava que os europeus dos países frios “possuem exuberância e impulsividade, mas pouca inteligência e escassa capacidade organizativa”.

Então, voltando à pergunta inicial, por que o Brasil ficou tão atrás dos Estados Unidos? Em *O Novo Mundo*, Gerbi não pretende dar uma resposta, mas mostra como é pernicioso o sentimento de orgulho nacional e como todas as ideologias podem ser manobradas numa ou noutra direção. A causa do nosso atraso era o clima. Agora é um problema meramente social. Não valeria a pena manter um pouco do negativismo fatalista de Buffon? Não criaria um freio inibitório à nossa incipiente prepotência? ■



Buffon: teorias polêmicas